

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

O Liberal

Class.:

20 DN RDD P 71

Data:

31.10.82

Pg.:

## Um tiro no coração da floresta

Pedro Rogério

190

Chamava-se José do Carmo Santana. Os amigos o conheciam pelo apelido de Zé Bel. Mineiro, tinha trinta e poucos anos de idade, dez dos quais vividos na Amazônia. Era sertanista da Fundação Nacional do Índio, uma profissão com os dias contados para acabar. Uns oito ou dez funcionários da repartição indigenista ostentam hoje esse título que era o primeiro entre os muitos que honraram a existência do Marechal Rondon. As tribos arredias, objetivo principal do trabalho sertanista, já são bem poucas. Os índios, nos últimos vinte anos, estão sendo convocados — por bem ou por mal — ao convívio da comunhão nacional, na medida em que avançam pela floresta as rodovias, os projetos agropecuários, as mineradoras, as linhas da Embratel, as hidrelétricas, levando sua carga de bem-estar e progresso e a inevitável contrapartida da tensão social. Na virada do século, em plena jornada nas estrelas, não teremos mais sertanistas. Teremos índios?

Tenho na minha frente a fotografia de Zé Bel. Um flagrante colhido em abril do ano passado, na pista de pouso da expedição de atração dos índios uru-au-wau-wau, num lugar chamado Alta Lídia, em Rondônia. Não tente o leitor localizá-lo no mapa; é sítio tão inóspito que levará anos para ser mimoseado pelo cartógrafo. Encostados na asa de um bismotor Azteca estão Zé Bel, o franzino e barbudo chefe da expedição, e Apoena Meireles, delegado da Funai, em Porto Velho, outro jovem que exibe o raríssimo título de sertanista, e o faz com muito orgulho, herdeiro que é das mais caras tradições indigenistas do seu saudoso pai e mestre, o austero Francisco Meireles, pacificador de uma dezena de nações silvícolas do Brasil Central e da Amazônia.

Ao lado deles está o piloto Ari Dal Thoe, uma dedicação sem limites à aviação, a mostrá-la no braço e na mão direitos engessados — logo a direita, a mão que comanda as manetes de combustível, passo e potência dos motores, e aciona o trem-de-pouso?

Eu estava ali documentando para a televisão a tentativa dos sertanistas de levantar pistas de um menino de oito anos raptado pelos índios em 1979. O menino cujo pai — um colono catarinense — avançara imprudentemente sua plantação de milho na área interdita pela Funai para a constituição de uma futura reserva indígena, jamais foi encontrado. Passados quatro anos desde o rapto, quero crer que Fabinho, sob a proteção de Tupã, se tenha transformado num feliz curumin, andando no coração da floresta em companhia de seus pais adotivos, os acuados, e por isso mesmo violentos, uru-éu-wau-wau.

O Ari, uma doce figura de Saint-Exupéry das matas, alto e louro como o príncipezinho do avião francês, transformou-se em matéria carbonizada, quatro meses depois da fotografia, quando aquele mesmo Azteca, voando para a mesma pista de Alta Lídia, apareceu nos céus como um bólido de fogo, partindo-se em mil pedaços quase aos pés do Apoena, que a tudo assistia, paralisado pelo horror da cena que brutalizava ainda mais a desolada paisagem de Alta Lídia. Pobre Ari, o prestativo amigo da Funai de Porto Velho, morto assim aos 29 anos.

Zé Bel passou a chefia da expedição de atração dos wau-wau a outro companheiro. Agora, iria emprestar a sua experiência na direção do Parque Indígena do Aripuanã, lá mesmo em Rondônia. Ele era um tipo calado. Escondia no silêncio as energias de uma mocidade consumidas na agressividade do meio em que vivia. Servidor exemplar, honesto amigo dos índios, que atraía e pacificava — eis o resumo de uma biografia.

Na semana passada, o estampido de um tiro de 22 ecoou na solidão do Aripuanã. Posso imaginar a cena: o casal de mati-taperê que fez ninho na frondosa castanheira defronte à casa da direção do Parque, voou espavorido lá para as bandas da aldeia dos suruí, aves agourentas anunciando para os índios a tragédia noturna da selva: Zé Bel havia metido uma bala no peito. Quando os suruí chegaram em socorro, era tarde para salvar o amigo: a bala estava no fundo do coração. No fundo do coração da floresta, com seus índios, seus bichos,

suas árvores pelos quais Zé dedicou a existência.

A notícia que leio n'O LIBERAL conta que Zé Bel entrara em profundo estado de depressão que se vinha agravando nos últimos quinze dias. Estava depauperado, sem se alimentar direito. O organismo enfraquecido e o ambiente solitário em que vivia, por dever de ofício, certamente terão alargado as portas de sua alma à neurastenia.

A mesma notícia sugere na vida do sertanista um processo de frustração profissional, a que estão sujeitos hoje em dia os brasileiros que, em vários campos da atividade governamental, assistem sem nada poder fazer, às distorções a que são levados certos programas oficiais. Lá em Rondônia, Zé Bel desgrazadamente viu grassar as enfermidades, inclusive as malditas venéreas, entre os pacíficos suruí, cercados, como os agressivos wau-wau, por projetos de colonização cujos objetivos são os mais dignos de elogios — pena que alguns deles estejam sendo tocados com a urgência ditada pela pressão econômica, social e política com que quase tudo é feito hoje na Amazônia. Querem tirar na pressa demolidora o atraso a que relegaram a região durante anos.

A tudo isto, acrescento eu a existência de um terceiro agravante a colaborar na moldagem de uma personalidade emocionalmente combatida pelas dores da vida, como a de Zé Bel afinal se mostrou: refiro-me à mágoa provocada pelo tratamento não raras vezes desumano da impessoal burocracia de Brasília. É um relacionamento tão defeituoso este, que é capaz de impedir que um chefe instalado em Brasília não tenha conhecimento de que nos cafundos da floresta existe um funcionário emocionalmente enfermo. E que se ele for socorrido a tempo, socorrido até administrativamente, com uma transferência, com umas férias, com uma licença, terá neste singelo ato burocrático alterado os caminhos do destino.

A insensibilidade dos tecnocratas brinda os servidores públicos dos rincões da Amazônia com a tragédia e

com a comédia. E eu não falo só na Funai; acontece o mesmo na Polícia Federal, com seus agentes de fronteiras a correr atrás de sofisticados traficantes de cocaína tendo no bolso uma diária que não cobre um interurbano de dez minutos; falo também do Incra, dos operosos mata-mosquitos da Sucam que se embrenham nos mais recônditos lugares para acabar com o vergonhoso recorde brasileiro de mortalidade pela malária. De modo geral, todos eles — sertanistas, policiais ou seja lá que profissão abraçaram — são tidos como funcionários de terceira classe. Estão lá no meio do mato, escolheram isto, que se danem por lá — o tratamento a eles dispensado sugere essa caricatura de pensamento.

Lá mesmo na Frente de Atração Wau-Wau ouvi o Zé Bel queixar-se a um colega das aporinhações mesquinhas da burocracia brasileira. Exigiam que ele fizesse uma tomada de preços, uma verdadeira concorrência, antes de comprar quantia irrisória de mantimentos para o acampamento da expedição. Como se isto fosse fácil no meio do mato ou em lugarejos que mal dispõem de uma venda de beira de estrada. E como se a nota de um saco de farinha fosse uma contribuição eficaz na ação moralizadora para que não se repitam escândalos da mandioca, do farelo etc. etc.

Além do mais, entre o penoso trabalho prestado e a gratificação pecuniária, existe um vale tão profundo que só rivaliza com o desprezo dos burocratas. O risco de doenças, de acidentes, os longos períodos de internação na mata a que estão submetidos constantemente esses funcionários, e as conseqüências sociais disto (por exemplo: o número de casamentos desfeitos é significativo), não entram na capenga conta de somar da aritmética salarial de Brasília. Sem mencionar aí o risco de morte, infelizmente sempre andando de mãos dadas com esses profissionais.

É neles todos, nos Zés e nos Aris da Amazônia, que eu estou pensando agora ao rever a fotografia desse sertanista que de modo tão dramático encenou o último ato de sua jovem e fecunda vida dedicada ao indigenista.